

# MEMÓRIA E IDENTIDADE EM SIMBIOSE: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE CORA CORALINA E A NATUREZA

Vinicius Pereira Vieira<sup>1</sup>

Giovana Galvão Tavares<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é apresentar a análise dos poemas "A gleba me transfigura", "Minha cidade" e "Oração do milho", de Cora Coralina, para compreender como a autora retrata em suas obras a relação do ser humano com a natureza, especialmente no contexto do Cerrado goiano. Trata-se de uma pesquisa interpretativa, com abordagem qualitativa. O estudo revela que Coralina demonstra uma sensibilidade poética ao retratar a relação do ser humano com os ambientes natural e cultural. A autora nos convida a refletir sobre a nossa própria relação com o meio ambiente e a valorizar as experiências simples e autênticas que moldam a nossa identidade, o que possibilita o uso de seus poemas como ferramentas para a promoção da Educação Ambiental para estudantes.

**Palavras-chave:** Cerrado; Cora Coralina; Memória; Natureza; Identidade.

**Abstract:** The aim of this article is to present an analysis of the poems "The land transfigures me", "My city" and "Corn prayer" by Cora Coralina, in order to understand how the author portrays in her works the relationship between human beings and nature, especially in the context of the Goiás Cerrado. It is an interpretative research with a qualitative approach. The study reveals that Coralina demonstrates a poetic sensitivity in portraying the relationship between humans and the natural and cultural environments. The author invites us to reflect on our own relationship with the environment and to value the simple and authentic experiences that shape our identity, thus enabling the use of her poems as tools for promoting Environmental Education for students.

**Keywords:** Cerrado; Cora Coralina; Memory; Nature; Identity.

---

<sup>1</sup>Universidade Evangélica de Goiás - UniEvangélica. E-mail: [vinicius.vin@hotmail.com](mailto:vinicius.vin@hotmail.com),  
Link para o Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4989-846X>

<sup>2</sup>Universidade Evangélica de Goiás - UniEvangélica E-mail: [gjo.tavares@gmail.com](mailto:gjo.tavares@gmail.com),  
Link para o Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5959-2897>

## Introdução

A memória, em sua essência, estabelece um vívido laço com o passado, isto é, com eventos e sentimentos outrora adormecidos. De acordo com Fernandes (2012, p. 87), a memória desenha uma narrativa que serve como testemunho de lembranças, cuja importância reside na busca por manter a proximidade com os acontecimentos experimentados, trazendo o passado à vida, como se fosse presente.

A fusão de diversas lembranças de pessoas distintas pode impulsionar a reconstrução de memórias coletivas, embora tais memórias não sejam suficientes para recriar integralmente as memórias individuais. Conforme Halbwachs (1968) ressalta, a memória social é apenas um dos vários prismas que compõem a relação entre sociedade e memória.

Essa complexa dinâmica entre memória, individualidade e coletividade encontra um reflexo luminoso na vida e na obra de Cora Coralina. Através de sua escrita, é possível contemplar a profunda conexão entre memórias pessoais e o tecido da natureza. Suas poesias e narrativas não apenas capturam a beleza serena dos elementos naturais, mas também nos remetem às memórias que se entrelaçam com a terra, os rios e os céus, descritos tão vividamente e enraizadas em suas palavras, representando o eu profundo.

Cora Coralina, pseudônimo de Ana Lins do Guimarães Peixoto Bretas, nasceu em 20 de agosto de 1889, na cidade de Goiás, tendo como pais Jacinta Luíza do Couto Brandão Peixoto e o desembargador Francisco de Paula Lins do Guimarães. Sua trajetória, marcada por uma magnitude extraordinária, encontra-se impregnada pela paixão indomável pela literatura e pelo comprometimento inabalável com sua arte. Desde cedo, teve limitado acesso à educação formal, o que, entretanto, não a impediu de mergulhar no mundo dos livros. Foi por meio da leitura de almanaques encontrados em sua casa que ela descobriu a literatura e começou a escrever os primeiros versos, despertando, assim, seu talento poético. Aos quinze anos, passou a frequentar saraus literários realizados na residência de um advogado da cidade. Nesses encontros, sem revelar sua identidade como autora, ela corajosamente declamava seus poemas publicamente, conquistando a admiração e o reconhecimento dos presentes. Em 1911, Cora deixou Goiás, acompanhada de Cantídio Tolentino de Figueiredo Brêtas (TAHAN, 2002, p. 34), que havia sido designado delegado de polícia da Vila de Goiás. Eles se estabeleceram em Jaboticabal, interior de São Paulo, onde ela continuou a escrever, colaborando com o jornal "O Democrata", produzindo artigos nos quais defendia os direitos dos pobres e dos idosos, além de reivindicar a criação da Escola de Agronomia de Jaboticabal.

Ao longo dos anos seguintes, a escritora ampliou seu alcance e reconhecimento. Em 1923, ela adquiriu uma chácara em São Paulo, onde começou a cultivar flores para venda, além de contribuir com o jornal "A Informação Goiana", o que mostra que ela tinha versatilidade e habilidade para atuar em diferentes campos. Cora Coralina era, portanto, uma mulher

determinada e empreendedora, que encontrava maneiras de sustentar sua família enquanto perseguia sua paixão pela escrita (BRITTO; SEDA, 2009).

A vida de Cora Coralina sofreu uma reviravolta em 1934, quando Cândido faleceu. Para sustentar a família, ela abriu uma pensão, mostrando, mais uma vez, sua resiliência diante das adversidades. Em 1936, conheceu José Olympio, com quem estabeleceu uma parceria para vender os livros da editora dele. Ao longo dos anos, Cora Coralina mudou-se para diferentes cidades, como Penápolis e Andradina, em São Paulo, onde abriu uma casa de retalhos e uma casa de tecidos, respectivamente. Sua vida era uma mescla de atividades literárias, empreendedorismo e trabalho árduo.

No mês de março de 1956, Cora Coralina decidiu retornar à sua cidade natal, Goiás, após mais de 45 anos de ausência. Entretanto, seu regresso foi marcado por experiências de rejeição (ALENCASTRO, 2003, p. 83), seja em razão das circunstâncias em que deixara a cidade, ao fugir de sua família, seja pelo desejo tardio que tinha de publicar um livro (BRITTO; SEDA, 2009, p. 245). Diante desse contexto desafiador, ela optou por se isolar em sua residência, em Goiás, denominada "casa velha da ponte", onde se dedicou à arte de fazer doces e buscou inspiração para a escrita de seus poemas.

Coralina, conforme citada por Araújo (1977), descreveu que sua experiência em um ambiente mais distante de suas responsabilidades e da presença de seus filhos foi crucial para sua produção literária. Ela mencionou sentir uma necessidade vaga e misteriosa de se afastar, impulsionada por algo que a compelira a isso. Durante seu tempo em Goiás, ela relatou que as portas do pensamento se abriram, resultando na escrita de seu primeiro livro publicado.

Em 1979, o renomado poeta Carlos Drummond de Andrade publicou uma carta a Cora Coralina, a enaltecendo como uma das grandes poetisas do país: "Não tenho o seu endereço, lanço estas palavras ao vento, na esperança de que ele as deposite em suas mãos [...] Dá alegria na gente saber que existe bem no coração do Brasil um ser chamado Cora Coralina" (ANDRADE, 2001, p. 45). Esta correspondência marcou o início de uma amizade entre os dois poetas, com frequente troca de correspondências.

Cora Coralina faleceu em 10 de abril de 1985, em Goiânia, deixando um legado indelével na literatura brasileira. Sua memória é preservada pela Casa de Cora Coralina, instituição que guarda a história da escritora e propaga sua obra para as novas gerações. A vida e a obra dela são um testemunho inspirador de perseverança, luta e amor pela literatura, deixando-nos um valioso exemplo de como a paixão e a determinação podem transformar vidas e influenciar o mundo (BRITTO; PRADO, 2018).

Assim, neste artigo, analisam-se os poemas "A gleba me transfigura", "Minha cidade" e "Oração do milho", de Cora Coralina, para compreender como a autora retrata o meio ambiente e a relação do ser humano com a natureza em suas obras, especialmente no contexto da região goiana. Exploramos as vivências e as memórias da autora para retratar autenticamente suas experiências,

destacando a sensibilidade poética presente em sua escrita e sua profunda conexão com a terra e o ambiente natural.

## Metodologia

Esta pesquisa adota a perspectiva epistemológica do compreensivismo, com o intuito de aprofundar o entendimento das percepções expressas por Cora Coralina em seus poemas "A gleba me transfigura", "Minha cidade" e "Oração do milho". Aqui, almeja-se desvelar os sentidos e os significados intrínsecos à natureza, à condição humana e à interação entre o ser humano e a natureza manifestados nas obras poéticas selecionadas. O cerne deste estudo reside em uma abordagem interpretativa, fundamentada em influências teóricas de Tuan (1983, 2012), Britto (2007; BRITTO; PRADO, 2018; BRITTO; SANTOS, 2023; BRITTO; SEDA, 2009) e Camargo (2002), por exemplo. A pesquisa é conduzida por uma metodologia qualitativa, permitindo uma exploração profunda das nuances presentes nesses textos.

A seleção dos poemas de Cora Coralina para este estudo foi guiada por critérios específicos. A principal conduta foi identificar obras que estabelecem uma conexão topofílica entre o ser humano e a natureza. Essa escolha foi respaldada por uma análise abrangente de criações da autora, tendo em vista poemas que exploram características intrínsecas à região goiana, com especial atenção às particularidades do Cerrado goiano. Essa diretriz permitiu que os poemas escolhidos se destacassem como veículos adequados para investigar as interações entre a humanidade e o ambiente natural circundante.

Além desses critérios, a seleção das obras também levou em consideração a representação do passado da autora, com evocação de suas memórias de infância na região goiana. Adicionalmente, foram incluídas obras que capturam o olhar perspicaz de Cora Coralina em sua fase posterior, caracterizada pelos cabelos grisalhos, quando ela retorna ao estado de Goiás. Essa dualidade temporal, que marca a seleção dos poemas aqui estudados, proporciona uma abordagem multifacetada e aprofundada das experiências e perspectivas da autora, ao mesmo tempo que reflete sobre as transformações na relação dela com sua terra natal ao longo dos anos.

A escolha dessa linha de análise teve a finalidade de explorar a relação estabelecida por Cora Coralina entre o ser humano e a natureza. Tal enfoque também se baseia na ideia de memória e construção da identidade, elementos intrínsecos aos poemas selecionados. Além disso, esse direcionamento visa contemplar a utilidade potencial desses textos como ferramentas para a Educação Ambiental, enriquecendo, assim, essa temática relevante.

## **Escrutínio poético: um olhar sobre os versos de “A gleba me transfigura”, “Minha cidade” e “Oração do milho”**

Neste artigo, exploramos três obras poéticas de Cora Coralina: os poemas “A gleba me transfigura”, inserido na obra intitulada “Melhores poemas” (DENÓFRIO, 2017), “Minha cidade” e “Oração do milho”, pertencentes ao aclamado livro “Poemas dos becos de Goiás e estórias mais” (CORALINA, 2003). Cora Coralina expressa, de forma sensível e profunda, a relação do ser humano com o ambiente que o cerca, especialmente mencionando a vegetação e as características próprias da região em que viveu, principalmente em seu retorno a Goiás, levando em consideração a consciência do passado como um elemento importante no amor pelo lugar (TUAN, 2012, p. 144). É por meio da análise dos poemas selecionados que examinamos a interconexão entre o ser humano e a natureza, bem como as particularidades da cultura e da vida na região do Cerrado goiano retratadas por Coralina.

Ao mergulharmos no poema “A gleba me transfigura”, que retrata os elementos rurais e a vida dos trabalhadores que labutam na terra, podemos apreciar a forma como ela se transfigura, com uma sensibilidade ímpar, imergindo na gleba e se reconhecendo como parte integrante do cenário rural, encontrando sua voz poética nos sons e nas vivências dessa realidade:

### **A gleba me transfigura**

Sinto que sou a abelha no seu artesanato.  
Meus versos têm cheiro dos matos, dos bois e dos currais.  
Eu vivo no terreiro dos sítios e das fazendas primitivas.  
Amo a terra de um místico amor consagrado, num esponsal  
sublimado, procriador e fecundo.  
Sinto seus trabalhadores rudes e obscuros,  
suas aspirações inalcançadas, apreensões e desenganos  
Plantei e colhi pelas suas mãos calosas  
e tão mal remuneradas.  
Participamos receosos do sol e da chuva em desencontro,  
nas lavouras carecidas.  
Acompanhamos atentos, trovões longínquos e o riscar  
de relâmpagos no escuro da noite, irmanados no regozijo  
das formações escuras e pejudas no espaço  
e o refrigério da chuva nas roças plantadas, nos pastos maduros  
e nas cabeceiras das aguadas.  
Minha identificação profunda e amorosa  
com a terra e com os que nela trabalham.  
A gleba me transfigura. Dentro da gleba,  
ouvindo o mugido da vacada, o mééé dos bezerros,  
o roncar e focinhar dos porcos, o cantar dos galos,  
o cacarejar das poedeiras, o latir dos cães,  
eu me identifico.  
Sou árvore, sou tronco, sou raiz, sou folha,  
sou graveto, sou mato, sou paiol

e sou a velha trilha de barro.  
Pela minha voz cantam todos os pássaros, piam as cobras  
e coaxam as rãs, mugem todas as boiadas que vão pelas  
estradas.  
Sou a espiga e o grão que retornam à terra.  
Minha pena (esferográfica) é a enxada que vai cavando,  
é o arado milenário que sulca.  
Meus versos têm relances de enxada, gume de foice  
e peso de machado.  
Cheiro de currais e gosto de terra  
(DENÓFRIO, 2017, p. 234).

Logo na primeira estrofe deste poema, Cora Coralina retrata a sua conexão com a natureza. Ela fala em sentir-se transfigurada pela gleba, o solo fértil, comparando-se a uma abelha em seu artesanato natural. Seus versos carregam os cheiros e as atmosferas dos matos, dos bois e dos currais. Ela vive e se identifica com o ambiente dos sítios e das fazendas primitivas. Coralina expressa um amor sensível pela terra, evidenciando essa relação como um casamento sagrado, procriador e fértil.

A autora reconhece os trabalhadores rurais, percebendo sua rudeza, suas aspirações inalcançadas, suas apreensões e seus desenganos. Ela relata ter plantado e colhido pelas mãos calosas desses trabalhadores, que são mal remunerados. Há uma consciência da luta enfrentada no campo, tanto em relação à imprevisibilidade do clima, quanto em relação às colheitas, tão carentes de recursos.

Cora Coralina e os trabalhadores rurais compartilham o mesmo receio diante do sol e da chuva, das lavouras que sofrem e das dificuldades enfrentadas. Eles também estão atentos aos trovões e aos relâmpagos no escuro da noite, encontrando regozijo nas formações escuras e carregadas no céu, assim como no refrigério da chuva, que alimenta as plantações, os pastos e as nascentes. A autora expressa sua relação profunda e amorosa com a terra e com aqueles que nela trabalham.

Dentro da gleba, ouvindo os sons característicos do campo, como o mugido das vacas, o balido dos bezerros, o ronco e o focinhar dos porcos, o canto dos galos, o cacarejar das galinhas e o latido dos cães, Cora Coralina se identifica com toda essa vida. Ela se sente como uma árvore, um tronco, uma raiz, uma folha, um graveto, um matagal, um paiol e, até mesmo, uma antiga trilha de barro. Através de sua voz, todos os pássaros cantam, as cobras sibilam e as rãs coaxam. Ela se torna a representação viva da natureza, transfigurando-se, inclusive, no som das boiadas que atravessam as estradas. Ela é também a espiga e o grão que retornam à terra, simbolizando o ciclo da vida e a fertilidade.

Ao explorarmos a concepção de trabalho conforme abordado por Karl Marx (1983, p. 148), percebemos que se trata de um elemento que vai além da mera atividade para subsistência ou ganho financeiro, pois representa um processo pelo qual o ser humano mobiliza as forças naturais de seu corpo – braços, pernas, cabeça e mãos – para transformar a matéria bruta em algo que seja proveitoso

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 2: 231-247, 2024.

para sua própria sobrevivência. Nesse contexto, emerge a compreensão de que essa capacidade intrínseca ao ser humano é, na verdade, um pilar essencial.

A pena que Cora Coralina usa para escrever, a sua esferográfica, é comparada a uma enxada que cava, a um arado milenar que sulca a terra. Seus versos carregam o relance da enxada, o gume da foice e o peso do machado. Ela traz consigo o cheiro dos currais e o gosto da terra, evocando novamente a profunda conexão com o ambiente rural (BRITTO; SANTOS, 2009, p. 1).

Eu me procuro no passado.  
Procuro a mulher sitiante, neta de sesmeiros.  
Procuro Aninha, a inzoneira que conversava com as formigas,  
e seu comadrio com o ninho das rolinhas.  
Onde está Aninha, a inzoneira,  
menina do banco das mais atrasadas da escola de Mestra  
Silvina...  
Onde ficaram os bancos e as velhas cartilhas da minha escola  
primária?  
Minha mestra... Minha mestra... beijo-lhe as mãos,  
tão pobre!...  
Meus velhos colegas, um a um foram partindo, raleando a fileira...  
Aninha, a sobrevivente, sua escrita pesada, assentada  
nas pedras da nossa cidade...  
(DENÓFRIO, 2017, p. 235)

Na segunda estrofe, Cora Coralina retrata, de maneira íntima e nostálgica, a busca do eu lírico por suas raízes, sua conexão com o passado e sua identidade ligada à natureza e ao meio ambiente. A poetisa expressa a necessidade de encontrar-se nas lembranças e nas experiências vividas, vindo a resgatar uma mulher que viveu no campo, descendente de proprietários de terras.

Cora Coralina habilmente tece versos que são facilmente compreensíveis para o público leitor. Além disso, ela demonstra uma consciência aguçada de que sua poesia, ao abordar temas que refletem os aspectos singulares de uma época, possui valor histórico. Em outras palavras, suas composições atuam como testemunhas de um tempo, preservando a memória das interações entre uma comunidade e o contexto que a envolve. Araújo e Moraes (2010, p. 349) apontam que

Seu estilo pessoal, sua maneira de escrever, cujo teor autobiográfico mescla ficção e realidade, sem comprometer sua escrita para uma descrição puramente historiográfica, revela a natureza dos conteúdos relatados de forma a insinuar mais do que descreve. Sua trajetória, ela ironicamente define: “é uma estória ou meias confissões.

Ao mencionar Aninha, a inzoneira, Coralina evoca uma figura que personifica a interação do ser humano com a natureza. Aninha é descrita como alguém que dialogava com as formigas e tinha um relacionamento próximo com o ninho das rolinhas, revelando sensibilidade e conexão profundas com os elementos naturais ao seu redor. Essa relação íntima com o meio ambiente é um traço marcante da poesia dela, valorizando a simplicidade e a harmonia encontradas na convivência com a natureza.

Os versos também evidenciam a passagem do tempo e a transformação da realidade. A autora questiona o paradeiro de Aninha, lembrando a escola da Mestra Silvina, onde Aninha ocupava o “banco das mais atrasadas”. Nessa reflexão, Coralina lamenta a perda dos bancos e das velhas cartilhas de sua escola primária, símbolos de uma época passada e de uma educação mais simples. A presença da mestra é reverenciada com carinho e respeito, mesmo diante de sua pobreza, o que reflete a valorização da figura da mestra e do papel educativo na formação da poetisa. Por outro lado, a menção aos velhos colegas que partiram e à sobrevivência de Aninha, representando a resistência e a persistência, destaca a transitoriedade da vida e a saudade daqueles que se foram.

Além disso, a referência à escrita sólida de Aninha, inscrita nas pedras da cidade, evoca a herança deixada tanto por ela quanto pela comunidade. Essa escrita transporta consigo as vivências, as memórias e as experiências do lugar, conforme discutido por Tuan (1983), emergindo como um veículo para a preservação e a transmissão da rica identidade cultural e histórica de seu local.

Amo a terra de um velho amor consagrado  
através de gerações de avós rústicos, encartados  
nas minas e na terra latifundiária, sesmeiros.  
A gleba está dentro de mim. Eu sou a terra.  
Identificada com seus homens rudes e obscuros,  
enxadeiros, machadeiros e boiadeiros, peões e moradores.  
Seus trabalhos rotineiros, suas limitadas aspirações.  
Partilhei com eles de esperança e desenganos  
(DENÓFRIO, 2017, p. 235).

Já na terceira estrofe, há uma conexão intrínseca entre a natureza, a memória, a contemplação e o sagrado. Cora Coralina, ao expressar seus sentimentos pela terra impregnada de um amor ancestral, evoca uma profunda memória coletiva. Essa memória é transmitida através das gerações de avós que labutaram nas minas e na terra latifundiária, estabelecendo uma ligação com o passado e com as suas raízes.

Estes versos convocam ao estabelecimento de uma conexão profunda entre o ser humano e a terra, explorando a compreensão de nossa existência por meio dos laços intrínsecos, como delineado por Dardel (2015). Conforme sublinhado por Coralina, trata-se de um vínculo de amor quase místico e sagrado.

A "gleba" de terra, na visão de Coralina, transcende o espaço físico e se manifesta dentro dela, denotando uma comunhão profunda com a própria terra. Essa conexão sugere que o eu lírico contempla a natureza não apenas como um ambiente externo, mas como uma parte integral de sua própria identidade. A ideia de ser a própria terra amplifica a fusão entre o eu e o ambiente, gerando uma sensação de pertencimento e unicidade.

A menção aos "homens rudes e obscuros", como enxadeiros, machadeiros, boiadeiros, peões e moradores, ressalta a proximidade e a empatia de Coralina com esses trabalhadores, os quais mantêm uma relação direta com a natureza. Suas rotinas diárias e aspirações modestas representam um cotidiano no qual a simplicidade se entrelaça com o sagrado. Nisso, Coralina enxerga não apenas a beleza do trabalho árduo, mas também a sacralidade da ligação entre seres humanos e a terra que os sustenta.

Assim, na estrofe em questão, Cora Coralina tece uma tapeçaria na qual a natureza, a memória, a contemplação e o sagrado se entrelaçam harmoniosamente, criando um retrato multifacetado da relação profunda entre o ser humano, sua história, sua identidade e o ambiente que o cerca.

Juntos, rezamos pela chuva e pelo sol.  
Assuntamos de um trovão longínquo, de um fuzilar  
de relâmpagos, de um sol fulgurante e desesperador,  
abatendo as lavouras carecidas.  
Festejamos a formação no espaço de grandes nuvens escuras  
e pejudas para a salvação das lavouras a se perderem.  
Plantei pelas suas enxadas e suas mãos calosas.  
Colhi pelo seu esforço e constância  
(DENÓFRIO, 2017, p. 235).

Nessa quarta estrofe, Cora Coralina estabelece uma estreita relação entre o ser humano e a natureza por meio da percepção do lugar de origem da autora. Ao rezarem juntos pela chuva e pelo sol, eles se unem em um mesmo desejo pela prosperidade das lavouras, enfrentando os desafios impostos pelas intempéries climáticas. A autora retrata o impacto direto desses elementos naturais nas atividades agrícolas, enfatizando a dependência e a interação entre o ser humano e a natureza.

Na sequência, Coralina descreve a celebração diante da formação de grandes nuvens escuras, carregadas de esperança para as lavouras ameaçadas. Isso evidencia a sua conexão profunda com o ambiente goiano, onde o cotidiano é marcado pela interdependência com a natureza. Ao mencionar que plantou pelas enxadas e mãos calosas dos trabalhadores e colheu pelo esforço e constância deles, a poetisa ressalta a importância do trabalho humano, que deve

se dar em harmonia com os ciclos naturais, ressaltando a necessidade de valorizarem a terra que os sustenta, respeitando-a e harmonizando-se com ela.

Minha identificação com a gleba e com sua gente.  
Mulher da roça eu o sou. Mulher operária, doceira,  
abelha no seu artesanato, boa cozinheira, boa lavadeira.  
A gleba me transfigura, sou semente, sou pedra.  
Pela minha voz cantam todos os pássaros do mundo.  
Sou a cigarra cantadeira de um longo estio que se chama Vida.  
Sou a formiga incansável, diligente, compondo seus abastos.  
Em mim a planta renasce e floresce, sementeia e sobrevive.  
Sou a espiga e o grão fecundo que retornam à terra.  
Minha pena é a enxada do plantador, é o arado que vai sulcando  
para a colheita das gerações.  
Eu sou o velho paiol e a velha tulha roceira.  
Eu sou a terra milenária, eu venho de milênios.  
Eu sou a mulher mais antiga do mundo, plantada e fecundada  
no ventre escuro da terra  
(DENÓFRIO, 2017, p. 235-336).

Na última estrofe de “A gleba me transfigura”, Cora Coralina estabelece uma profunda conexão entre si mesma e a natureza, utilizando metáforas e imagens poéticas para expressar essa relação simbiótica. Ao afirmar que a gleba a transfigura e que é semente e pedra, a autora se identifica com a essência da terra, reconhecendo-se como parte integrante e transformadora do ciclo da vida. Através da sua voz, todos os pássaros do mundo entoam cânticos, revelando a sua ligação intrínseca com a natureza e a faculdade de expressar essa harmonia, comparando-se com diferentes elementos da natureza, como a cigarra, a formiga e a planta, enfatizando sua vitalidade, perseverança e capacidade de renovação. Coralina se vê como o ciclo completo, desde a semente até o retorno à terra, representando a continuidade e a perpetuação das gerações.

Ao se autodenominar como o velho paiol, a velha tulha roceira e a terra milenária, Cora Coralina ressalta a sua ancestralidade e a ligação profunda com o solo em que está enraizada. Ela se considera a mulher mais antiga do mundo, surgida e fecundada no ventre escuro da terra, destacando a sua identificação com a força primordial da natureza e sua propriedade de gerar vida.

Já no poema “Minha cidade”, Cora Coralina traz a ideia da topofilia, conforme defendida por Yi-Fu Tuan, ao estabelecer uma relação íntima e afetiva com o lugar em que viveu, ou seja, um “conjunto de experiências” que cada indivíduo traz consigo, conceito que indica “O elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (TUAN, 2012, p. 19). Ela transmite essa conexão por meio de metáforas e personificações, atribuindo características humanas aos elementos do ambiente.

## MINHA CIDADE

Goiás, minha cidade...  
Eu sou aquela amorosa  
de tuas ruas estreitas,  
curtas,  
indecisas,  
entrando,  
saindo  
uma das outras.  
Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa.  
Eu sou Aninha.  
Eu sou aquela mulher  
que ficou velha,  
esquecida,  
nos teus larguinhos e nos teus becos tristes,  
contando estórias,  
fazendo adivinhação.  
Cantando teu passado.  
Cantando teu futuro.  
Eu vivo nas tuas igrejas  
e sobrados  
e telhados  
e paredes.  
Eu sou aquele teu velho muro  
verde de avencas  
onde se debruça  
um antigo jasmineiro,  
cheiroso  
na ruinha pobre e suja.  
Eu sou estas casas  
encostadas  
cochichando umas com as outras.  
Eu sou a ramada  
dessas árvores,  
sem nome e sem valia,  
sem flores e sem frutos,  
de que gostam  
a gente cansada e os pássaros vadios.  
Eu sou o caule  
dessas trepadeiras sem classe,  
nascidas na frincha das pedras:  
Bravias.  
Renitentes.  
Indomáveis.  
Cortadas.  
Maltratadas.  
Pisadas.  
E renascendo.  
Eu sou a dureza desses morros,

revestidos,  
enflorados,  
lascados a machado,  
lanhados, lacerados.  
Queimados pelo fogo.  
Pastados.  
Calcinados  
e renascidos.  
Minha vida,  
meus sentidos,  
minha estética,  
todas as virações  
de minha sensibilidade de mulher,  
têm, aqui, suas raízes.  
Eu sou a menina feia  
da ponte da Lapa.  
Eu sou Aninha.  
(CORALINA, 2003, p. 34-36)

A poetisa se dirige à cidade com um tom afetoso e direto, estabelecendo uma profunda conexão de pertencimento e identificação com a paisagem urbana, as ruas e as casas, assim como com a natureza, os morros e a vegetação. A cidade proporciona uma sobreposição de tempos, permitindo que a poetisa idosa encontre a menina que foi um dia, unindo as duas fases de sua vida. Os adjetivos utilizados para descrever os diferentes "eus" da escritora ("menina feia", "mulher que ficou velha"), a paisagem urbana ("becos tristes", "ruas estreitas, curtas, indecisas") e a natureza ("morros lascados a machado, lanhados, lacerados, queimados pelo fogo, pastados, calcinados") destacam o valor social precário atribuído a esses elementos. No entanto, todos eles resistem e renascem, assim como os morros que são queimados anualmente durante a estiagem e reverdecem na época das chuvas. Da mesma forma, a menina feia que se sentava no banco dos menos favorecidos se metamorfoseia na escritora Cora Coralina.

Por meio de sua expressão literária, Cora Coralina retrata-se em uma simbiose indissolúvel com sua cidade natal, revelando um vínculo afetivo e uma fusão íntima com os elementos que a circundam. Essa narrativa poética transcende os limites físicos e mergulha nas subjetividades intrínsecas, unindo-se em uma identidade singular e indivisível. Conforme observado por Britto (2007, p. 118), sua poesia assume a essência e a vivacidade de Goiás, capturando a atmosfera inerente da região e incorporando-a em suas criações literárias:

É relevante identificarmos o lugar onde ocorrem as relações descritas pelo imaginário da poeta: a poesia de Cora Coralina é a poesia da cidade de Goiás. [...] A cidade de Goiás transformou-se em palco para o estabelecimento dessa memória repleta de significados, captados e reconstruídos por Cora entre um exercício de afetividade e percepção crítica (BRITTO, 2007, p. 118).

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 2: 231-247, 2024.

Para Camargo (2002), o poema "Minha cidade" representa uma profunda apropriação subjetiva e uma reconstrução poética realizadas pela autora em relação à sua terra natal. Nesse processo, a cidade é meticulosamente delineada pelas lentes do eu lírico, que a vislumbra nas casas, nas igrejas, na natureza exuberante e nas mulheres que a habitam, destacando especialmente a figura marcante de Aninha, símbolo de uma força criativa que genuinamente sustenta a essência de todo um povo. Essa abordagem visa transcender os registros históricos convencionais do desbravamento de sua localidade, buscando âncora naquilo que é transmitido pelo povo e recriado pela sensibilidade dos artistas.

Dessa forma, Cora Coralina empreende uma reinterpretação singular de sua cidade, atribuindo valor aos aspectos muitas vezes menosprezados, encontrando nesses elementos uma força estética e identitária. Por meio desse resgate, é possível restaurar a dignidade de seu espaço de origem, ressentido pela perda da identidade que tinha enquanto figurava como capital do estado. Camargo (2002, p. 81) destaca que a cidade é "refundada poeticamente" por Cora Coralina, conferindo-lhe uma nova perspectiva ao reconhecer a riqueza cultural e emocional que nela habita, reafirmando, assim, a importância da valorização dos aspectos menos explorados e resgatando a conexão entre a cidade, seus habitantes e sua identidade coletiva.

Outro poema emblemático desta renomada escritora brasileira é "Oração do milho", no qual ela retrata, de maneira sensível, a relação entre o ser humano e a natureza, abordando também questões de desigualdades sociais. O poema convida-nos a contemplar a grandiosidade da natureza e a refletir sobre nossa própria humanidade. Trata-se de uma obra atemporal que nos sensibiliza e nos faz valorizar a conexão com a terra e as experiências simples do dia a dia.

### **Oração do milho**

Senhor, nada valho.  
Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das lavouras pobres.  
Meu grão, perdido por acaso,  
nasce e cresce na terra descuidada.  
Ponho folhas e haste, e se me ajudardes, Senhor,  
mesmo planta de acaso, solitária,  
dou espigas e devolvo em muitos grãos  
o grão perdido inicial, salvo por milagre,  
que a terra fecundou.  
Sou a planta primária da lavoura.  
Não me pertence a hierarquia tradicional do trigo  
e de mim não se faz o pão alvo universal.  
O Justo não me consagrou Pão de Vida, nem lugar me foi dado  
nos altares.  
Sou apenas o alimento forte e substancial dos que  
trabalham a terra, onde não vingam o trigo nobre.  
Sou de origem obscura e de ascendência pobre,  
alimento de rústicos e animais do jugo.

Quando os deuses da Hélade corriam pelos bosques,  
coroados de rosas e de espigas,  
quando os hebreus iam em longas caravanas  
buscar na terra do Egito o trigo dos faraós,  
quando Rute respigava cantando nas searas de Booz  
e Jesus abençoava os trigais maduros,  
eu era apenas o bró nativo das tabas ameríndias.

Fui o angu pesado e constante do escravo na exaustão do eito.  
Sou a broa grosseira e modesta do pequeno sitiante.  
Sou a farinha econômica do proletário.  
Sou a polenta do imigrante e a miga dos que começam a  
vida em terra estranha.  
Alimento de porcos e do triste mu de carga.  
O que me planta não levanta comércio, nem vantagem dinheiro.  
Sou apenas a fartura generosa e despreocupada dos paióis.  
Sou o cocho abastecido donde ruma o gado.  
Sou o canto festivo dos galos na glória do dia que amanhece.  
Sou o cacarejo alegre das poedeiras à volta dos seus ninhos.  
Sou a pobreza vegetal agradecida a Vós, Senhor,  
que me fizestes necessário e humilde.  
Sou o milho.  
(CORALINA, 2003, p. 156-157)

Este poema apresenta uma análise profunda da relação do ser humano com o meio ambiente, utilizando a figura do milho como símbolo dessa conexão especialmente com a realidade rural e a cultura interiorana do Brasil. Como se sabe, Cora Coralina era originária da cidade de Goiás, localizada no interior do estado de Goiás, e essa região teve influência significativa em sua escrita, pois expressa seus sentimentos e percepções de forma contemplativa, explorando diferentes camadas de significado ao longo do poema.

Logo no início, percebemos a humildade do eu lírico ao se autodefinir como a "planta humilde dos quintais pequenos e das lavouras pobres". Essa ideia é reforçada ao longo do texto, em que a planta de milho se apresenta como uma figura modesta, sem aspirar às honras e à consagração reservadas ao trigo nobre. A partir desse ponto de partida, Cora Coralina explora os diversos aspectos e papéis desempenhados pelo milho na vida do ser humano.

O poema evoca a ancestralidade do milho, remetendo a tempos em que deuses, povos e culturas buscavam a espiga para se alimentar. Ao mencionar coroas de rosas e espigas que adornavam os deuses da Hélade, as caravanas hebraicas em busca do trigo dos faraós e as cenas bíblicas de Rute respigando nas searas e Jesus abençoando os trigais maduros, Coralina estabelece uma conexão entre o milho e a história, ressaltando sua presença constante na vida do ser humano ao longo dos tempos.

Ao longo do poema, a planta é associada à subsistência e à alimentação das classes menos privilegiadas, sendo lembrada como o alimento dos escravos

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 2: 231-247, 2024.

exaustos, a broa modesta dos pequenos agricultores, a farinha econômica dos trabalhadores assalariados, a polenta dos imigrantes e o alimento dos animais de carga. O milho representa a fartura generosa dos paióis, o cocho abastecido para o gado e o cântico alegre dos galos e das poedeiras. Essas referências retratam a importância vital deste alimento no cotidiano das comunidades rurais, sua presença como fonte de sustento e sua conexão com a natureza.

Ao descrever a planta de milho como pertencente aos quintais pequenos e às lavouras pobres, Cora Coralina remete à vida simples e modesta da região rural. Ela retrata a importância dele como subsistência para aqueles que trabalham a terra. Nesse contexto, Denófrio (2017) salienta que Cora Coralina adotou uma abordagem nitidamente épica em seus versos sobre os laços humanos moldados pela ruralidade e naqueles que reverenciam os elementos naturais. Essa abordagem de tons épicos amplifica a ligação entre o ser humano e o solo, exatamente como Coralina sugere.

A presença ancestral do milho na cultura indígena também é explorada no poema, quando a autora se refere ao "bró nativo das tabas ameríndias". Essa referência resgata as raízes históricas e culturais da região, lembrando-nos da presença dos povos indígenas e de sua relação intrínseca com a natureza e a terra. Cora Coralina traz à tona a importância do milho na cultura local, vinculando-o às tradições e à identidade da região em que ela viveu.

Ela menciona, ainda, o trabalho exaustivo dos escravos, a modéstia dos pequenos agricultores, a presença do gado e das aves domésticas, evidenciando, assim, a realidade cotidiana do campo. Esses elementos são um reflexo da vivência de Cora Coralina em uma região onde a agricultura e as atividades rurais desempenhavam um papel central na vida das pessoas.

## Conclusões

Em resumo, a análise dos poemas "A gleba me transfigura", "Minha cidade" e "Oração do milho", de Cora Coralina, revela a conexão da autora com o meio ambiente, especialmente no contexto da região goiana. Através de sua escrita sensível e poética, Coralina retrata a relação do ser humano com a natureza, de maneira autêntica e marcante. Ela mergulha nas suas próprias memórias e vivências, resgatando também a identidade da terra e da região, transcendendo o físico para abraçar o espiritual e o simbólico.

Em sua escrita, a autora estabelece uma relação de simbiose com a natureza, reconhecendo-se como parte integrante da paisagem rural. Ela exalta a força e a persistência dos trabalhadores rurais, compartilhando suas lutas e aspirações. Além disso, Coralina celebra a simplicidade da vida no campo, valorizando os sons, os cheiros e as atmosferas que permeiam esse ambiente.

Nos poemas aqui abordados, Cora Coralina demonstra sensibilidade única ao retratar a relação do ser humano com o ambiente natural e cultural. Suas palavras capturam a profundidade dessa interconexão, enfatizando a importância da terra, da natureza e das vivências humanas. Ela nos convida a refletir sobre

nossa própria relação com o meio ambiente e a valorizar as experiências simples e autênticas, que moldam nossa identidade.

Assim, os poemas ora analisados, dependendo da abordagem selecionada para a pesquisa, podem tornar-se instrumentos para a promoção da Educação Ambiental, sendo ótimos elementos a serem trabalhados de forma especialmente eficaz com escolares. Sua capacidade de expressar a relação entre o ser humano e a natureza, aliada à rica representação das experiências locais e regionais, permite que essas obras sejam adotadas como ferramentas de reflexão neste tópico, pois esses textos contribuem para um diálogo enriquecedor sobre a Educação Ambiental, atuando como um tema transversal que fomenta a interdisciplinaridade entre as Ciências Ambientais e a Literatura Brasileira.

## Referências

ALENCASTRO, J. Memórias de Aninha. *In*: SIQUEIRA, E. M. L.; CAMARGO, G. O.; MAMEDE, M. G. (org.). **Leitura: teorias e práticas**. Goiânia: Editora Vieira, 2003. p. 81-109.

ANDRADE, C. D. Carta de Drummond [Rio de Janeiro, 7 out. 1983]. *In*: CORALINA, C. **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha**. 8. ed. São Paulo: Global, 2001.

ARAÚJO, C. Os pensamentos de Cora. **Jornal de Brasília**, Brasília, 1977.

ARAÚJO, M. M.; MORAES, A. C. Cora Coralina: memória e representação do eu na construção da consciência social. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 345-354, jul. 2010.

BRITTO, C. C. Das cantigas do beco: cidade e sociedade na poesia de Cora Coralina. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 115-129, 2007.

BRITTO, C. C.; PRADO, P. B. Museu Casa de Cora Coralina e o luto estratificado em memórias femininas. **Museologia & Interdisciplinaridade**, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 55-69, 2018.

BRITTO, C. C.; SANTOS, R. Representações sociais do rural na poética de Cora Coralina. **Hispanista**, v. 10, n. 38, p. 1-14, 2009. Disponível em: <<http://www.hispanista.com.br/artigos%20autores%20e%20pdfs/286.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

BRITTO, C. C.; SEDA, R. E. **Cora Coralina: raízes de Aninha**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009.

CAMARGO, G. F. O. Poesia e memória em Cora Coralina. **Signótica**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 75-86, 2002.

CORALINA, C. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. São Paulo: Global, 2003.

DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015. 159 p.

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 2: 231-247, 2024.

- DENÓFRIO, D. F. **Melhores poemas de Cora Coralina**. São Paulo: Global, 2017.
- FERNANDES, E. B. B. Do dever de memória ao dever de história: um exercício de deslocamento. *In*: GONÇALVES, M. A.; ROCHA, H.; REZNIK, L.; MONTEIRO, A. M. (org.). **Qual o valor da história hoje?** Rio de Janeiro: FGV, 2012. p. 81-95.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1968.
- MARX, K. **O capital**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- TAHAN, V. B. **Cora coragem, Cora poesia**. 4ª ed. São Paulo: Global, 2002.
- TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.
- TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 2012.